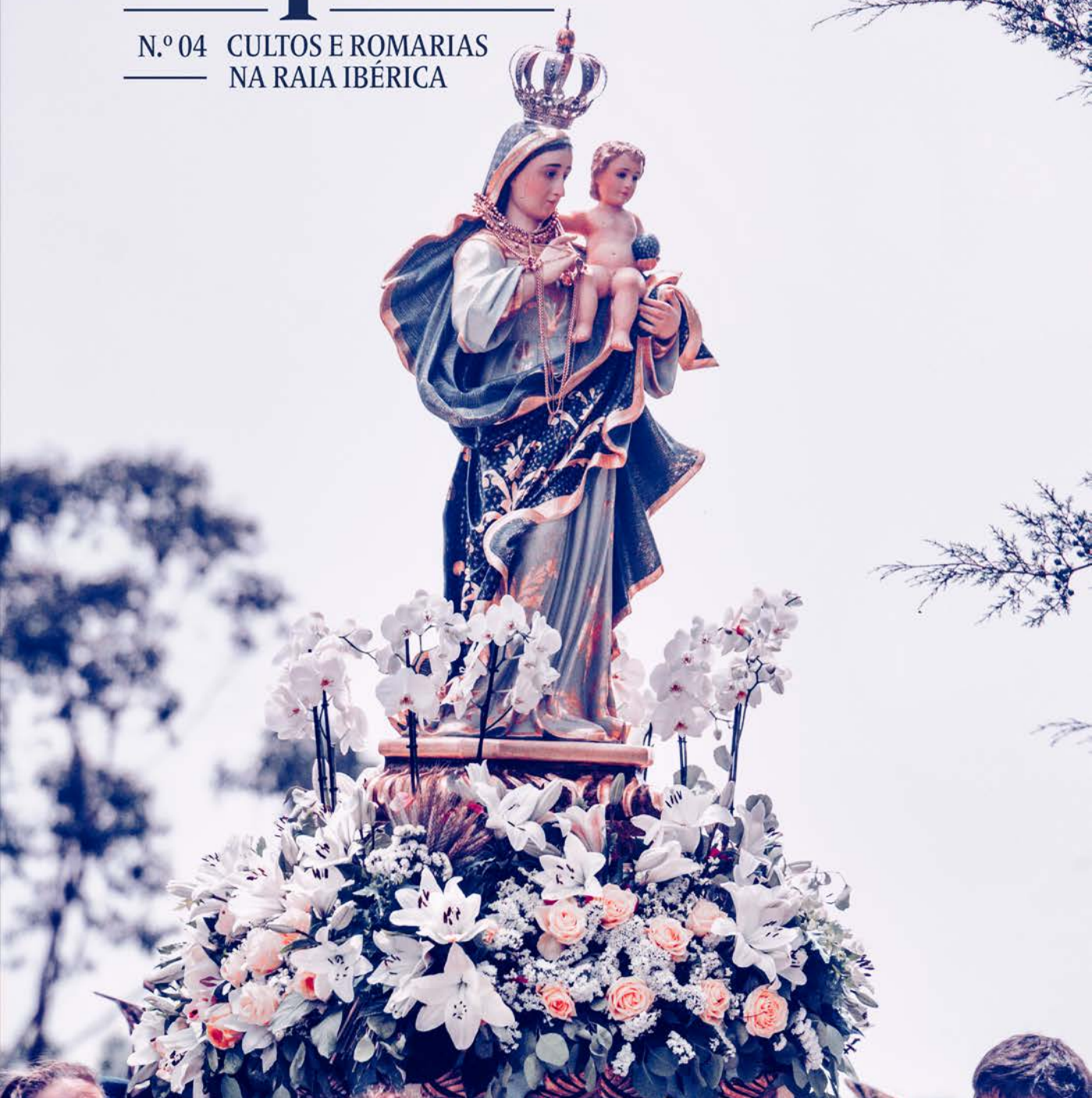


REVISTA DE

Religiosidade

Popular

N.º 04 CULTOS E ROMARIAS
NA RAIA IBÉRICA



REVISTA DE

Religiosidade Popular

N.º 04 CULTOS E ROMARIAS
NA RAIA IBÉRICA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Revista de Religiosidade Popular
Cultos e Romarias na Raia Ibérica

AUTOR

Vários

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ángel Espina; Bruno Ferreira; Carlos Madaleno;
Carlos Montes; Francisco Javier Rodríguez Pérez;
Paula Barata Dias

COORDENAÇÃO

André Oliveirinha; Ángel Espina Barrio

PROJETO GRÁFICO

Vítor Gil

REVISÃO DE TEXTO

Cristina Cerdeira; Micaela Pelicano

TRADUÇÃO

Mafalda Pereira

ISSN

2975-898X

DEPÓSITO LEGAL

514916/23

IMPRESSÃO

Prodimprensa, Crl

TIRAGEM

600 exemplares

EDIÇÃO

N.º4 – Abril de 2026
Câmara Municipal de Penamacor



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Caro Baroja, J. (1978). Las formas complejas de la vida religiosa (religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII). Madrid: Akal.

Connerton, P. (1989). How societies remember. Cambridge University Press.

Cosgrove, D. (1984). Social formation and symbolic landscape. University of Wisconsin Press.

Delgado Ruiz, M. (1993). La religiosidad popular: en torno a un falso problema. Barcelona: Anthropos.

Eliade, M. (1957). The sacred and the profane: The nature of religion (W. R. Trask, Trans.). Harcourt, Brace & World.

García Boiza, A. (2003). Devociones marianas en Salamanca. Diputación de Salamanca.

González Alcántud, J. A. (2007). La invención del ritual. Fiestas, identidades y poder. Granada: Universidad de Granada.

Hervieu-Léger, D. (1993). La religion pour mémoire. Cerf.

Ingold, T. (2000). The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill. Routledge.

Nora, P. (Ed.). (1984). Les lieux de mémoire (Vol. 1). Gallimard.

Prat, J. (1997). El estigma del extraño: Un ensayo antropológico. Ariel.

Prats, L. (1997). Antropología y patrimonio. Ariel.

Turner, V. (1969). The ritual process: Structure and anti-structure. Aldine Publishing.

Velasco, H. (1989). La religiosidad popular. Alianza.

WEBGRAFÍA

Ayuntamiento de Salamanca. (s. f.). Fiestas de Salamanca: Virgen de la Vega. <https://www.aytosalamanca.es>

Catedral de Salamanca. (s. f.). Catedral Vieja: Retablo mayor y Virgen de la Vega. <https://catedralsalamanca.org>

Salamanca RTV al Día. (2020). La Virgen de la Vega, patrona de Salamanca. <https://www.salamancartvaldia.es>

A festa de Santa Bebiana: identidade cultural e salvaguarda do património cultural imaterial em Caria. Duas leituras em torno do festivo.

Eddy Chambino e Graça Ribeiro

CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Caria é uma vila, desde 1924⁰¹, pertencente à região Centro, sub-região Beiras e Serra da Estrela, distrito de Castelo Branco, concelho de Belmonte. O concelho é composto por 4 freguesias: Belmonte e Colmeal da Torre, Caria, Inguias e Maçainhas, sendo Belmonte a sede do concelho.

No total, o concelho tem 6205 habitantes⁰², tendo Caria 1747 habitantes, o que corresponde a 28,16% da população do mesmo.

Geograficamente, o concelho de Belmonte, faz fronteira a norte com o concelho da Guarda (distrito da Guarda), a este com o Sabugal (distrito da Guarda), a oeste com Covilhã (distrito de Castelo Branco) e a sul com o Fundão (distrito de Castelo Branco).

A ORIGEM DA FESTA DE "SANTA BEBIANA"

A maioria das referências indica que Santa Bibiana nasceu em Roma, no século IV, no seio de uma família mais reconhecida pelas suas virtudes cristãs, do que pela nobreza da sua condição.

Reza a história que seu pai Flaviano, perfeito de Roma, foi atirado para a prisão pelo Imperador Juliano, apelidado de “o Apóstata”, um tirano, que após ter renegado a fé cristã, quis fazer reviver o paganismo no império. Flaviano declarou-se contra a infame política de Juliano, tendo este mandado que fosse para o exílio, na Toscana, onde morreu pouco tempo depois. Confiscou todos os bens da sua família, mandou decapitar a sua viúva e continuou uma odiosa perseguição contra as suas filhas, Demétria e Bibiana, duas virgens cristãs. Após uma longa privação de qualquer tipo de alimentos, Demétria viria a morrer.

Quanto a Bibiana, o perverso juiz entregou-a às mãos de uma mulher de má vida, que tentou pervertê-la, mas Bibiana resistiu corajosamente a todas as suas tentativas, e permaneceu pura e digna do Esposo celestial. A malvada mulher teve de confessar ao juiz que havia perdido o seu tempo. Este, furioso com a sua falta de sucesso, ordena que a virgem fosse açoitada, até que se rendesse. Bibiana, foi atada a uma coluna, e os carrascos, com os seus chicotes, chicotearam-na até que desmaiou, morrendo a seus pés, a 2 de dezembro de 363.

[01] Lei 1:701, 19 de dezembro. Diário do Governo, n.º 282, série I, de 1924-12-19.
[02] Censos 2021.

Esta é apenas uma das versões da história de Bibiana, mas existem outras, uma das quais a de que Bibiana teria sido levada para uma casa de prostituição, mas nenhum homem conseguiu aproveitar-se da sua beleza, pois quando tentavam tocar-lhe eram acometidos de um estranho surto de loucura. Bibiana terá então sido levada para um manicómio, mas aí terá acontecido o oposto e os doentes ficaram curados. Não tendo conseguido que Bibiana renegasse a sua fé, o Imperador decidiu que fosse chicoteada.

Quando a perseguição romana aos cristãos terminou, a história do martírio de Bibiana, e seus familiares, levou à devoção dos cristãos, e passou a ser conhecida como intercessora dos que sofriam de doenças mentais e epilepsia, sendo celebrada no calendário litúrgico no dia 2 de dezembro.

Como se terá transformado Santa Bibiana, virgem mártir cristã, protetora dos sofredores de doenças mentais e epilepsia, em advogada das mulheres bêbedas, é algo para o qual não temos uma resposta concreta.

Conforme explicado por Ana Rita Garcia⁰³, referindo-se a outras associações mencionadas por Moisés Espírito Santo⁰⁴, no que concerne à especialização que a fé dos Homens atribui a cada santo, isto é, a relação entre a pronúncia do nome do santo, e a proteção ou cura que pode proporcionar, tal poderá ter acontecido simplesmente devido ao nome de Bibiana remeter para “a que bebe”, facto que terá levado a que em Caria também fosse antigamente referida como *Santa Bebediana*.

Já, anteriormente⁰⁵, o mesmo autor tinha proposto: “A fé, a aposta, não recai indiferentemente sobre qualquer personagem. Cada uma tem a sua especialidade, que lhe é conferida pelo consenso local. Raramente, para não dizer mesmo nunca, se encontra na *vita* do santo (na hipótese de ele de ter de facto existido) um elemento que justifique a sua escolha, a qual, aliás, varia de uma aldeia para a outra. Na maioria dos casos, a origem da especialização reside no próprio nome do santo”.

E muito antes, José Leite de Vasconcellos⁰⁶, referia na sua conhecida obra *Ensaios Ethnographicos*: “o nosso povo, no Minho, invoca S. Fructuoso, não porque na lenda d'este santo haja factos relacionados com a vida agraria, mas em virtude da analogia das palavras fructo e Fructuoso.”

No entanto, sendo que Santa Bibiana é considerada a padroeira dos que sofrem de epilepsia, doenças mentais e dores de cabeça, propomos uma outra hipótese, a de que os sintomas idênticos revelados pela condição dos bêbedos, tenha levado à associação de que necessitariam da sua proteção.

A primeira referência que encontramos à festa pagã de *Santa Bebiania* é de 1892, na obra de José Germano da Cunha, que relata a sua celebração no Fundão. Referiu, o autor, que no dia 10 de novembro, véspera de S. Martinho, alguns devotos do álcool saíam à rua para, com campainhas e chocalhos, avisarem os da sua confraria, a “irmandade dos

borrachões”. O mesmo acontecia no dia 1 de dezembro, véspera de *Santa Bebiania*, aqui também relatada como advogada dos bêbedos. Mas, segundo o autor, neste dia a festa assumia “proporções em verdade pouco edificantes”. A descrição leva a pensar que os devotos faziam uma algazarra ensurdecadora e que haveria exageros no consumo de álcool. Repara-se que a festa era apenas participada por homens, e que o autor não fez nenhuma referência à origem da Festa.

Seguidamente, em 1929, o conhecido etnógrafo Jaime Lopes Dias, publica a sua *Etnografia da Beira*, onde no volume III, consta a descrição das festas de São Martinho e *Santa Bebiania*, que ocorriam na região da Beira. Diz-nos o etnógrafo, que um e outro eram considerados advogados dos bêbedos, S. Martinho dos homens e Santa Bebiania das mulheres, e que eram festejados em numerosas terras da Beira, através de festas bastante ruidosas.

Note-se que, Lopes Dias, refere que, em Tinalhas⁰⁷, na véspera do dia de *Santa Bebiania*, ao início da noite, se reuniam os rapazes e os homens da povoação, organizando um cortejo “musical” com chocalhos e campainhas, que era encabeçado por um pregador que fazia os seus sermões, do alto dos balcões das casas da aldeia e descreve sermões, em verso, que eram uma sátira às mulheres amantes do vinho (transcrevemos apenas alguns versos):

Meus irmãos, é dia da Santa	As mulheres, meus irmãos,
As mulheres, p'ra enganarem os homens,	Nem isso lhes dá canseira
Não bebem o vinho pelo copo,	Para enganarem os homens
Mas sim pela cântara.	Bebem vinho pela torneira.

Na igreja são santas,	Já Marco Aurélio, grande imperador
Na rua dão ao rabo,	Dizia ao senado romano:
À janela, umas bonecas	Estou casado há seis dias
E em casa... o diabo.	Já me parecem seiscentos anos.

Em 1942, Anastácio Lalandia, no seu livro *João Osso*, refere a existência da festa em Tinalhas. Segundo o autor, na noite de 2 de dezembro, os rapazes da povoação, saíam em algazarra, agitando chocalhos, batendo com paus secos em latas velhas e tocando píffaros e cornetas. Esta “música”, percorria as ruas da aldeia, para chamar os habitantes para ouvirem o sermão de um seu conterrâneo com a alcunha de João Osso. O pregador era conduzido a um largo da aldeia, confluência de duas ruas, uma vez aí chegado subia a um balcão e começava o seu “sermão”, que durava cerca de duas horas, e que lhe permitia ser irresponsável perante a lei, a religião e as “conveniências”. Note-se que, o autor, não

[03] Garcia (1995).
[04] Santo (1993).

[05] Santo (1981).
[06] Vasconcellos (1906).

[07] Povoação portuguesa pertencente ao município de Castelo Branco.

relembra a existência dos versos acima transcritos, referindo que o sermão de João Osso se baseava em publicitar: “namoros feitos e desfeitos, adultérios nunca sonhados, até aquela fatídica hora, roubos, desavenças conjugais, as fraquezas humanas do clero, nobreza e povo” e que após o sermão eram “reformadas” algumas mordomas da *Santa Bebiana* e nomeadas outras para “servirem” a santa no ano seguinte.

No fundo o sermão baseava-se fundamentalmente na denominada vindicta popular, que Ernesto Veiga de Oliveira, em 1984, descreve como “manifestação de censura, protesto, crítica ou represália, sob o aspecto de troças ou sátiras colectivas, em actos ou palavras, contra atitudes que traduzem forças ou princípios de desagregação moral ou social do grupo, ou como maneiras de sublinhar determinados acontecimentos que constituem inovações mais ou menos frustradas ou excepções à rotina do seu viver típico”.

Embora, seja uma descrição, algo romanceada, permite novamente verificar que se tratava de uma festa organizada e participada apenas por homens e rapazes.

O Jornal a Reconquista, publica em 1957, um pequeno artigo sobre o “Dia da Santa”, referindo que em Tinalhas o dia 2 de dezembro foi celebrado de forma tradicional, e descreve a festa: “trata-se de uma página do folclore tinalhense de ressaibos um tanto pagãos em que se honra Santa Bebiana como patrona das mulheres amantes da “pinga””.

Em 1967, no mesmo jornal, surge um artigo sobre as “Chocalhadas de Santa Bebiana”, em Tinalhas, referindo os versos anteriormente publicados por Lopes Dias.

O autor Horácio Brás Jorge⁰⁸, que a tradição da festa de *Santa Bebiana*, em Tinalhas, “estava em desuso”, e que o que resistia da mesma era a existência de grupos que iam chocalhar às tabernas e cafés.

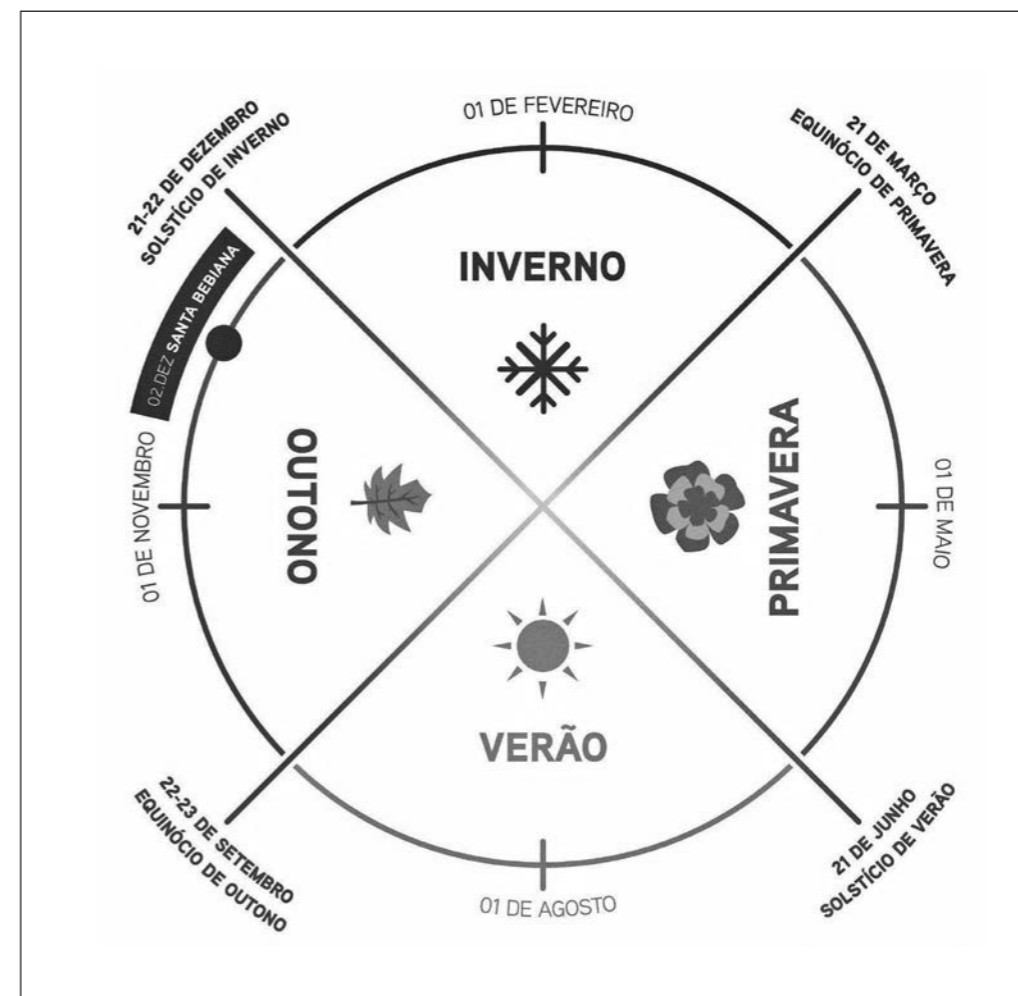
Relativamente à génese da festa, até aos dias de hoje, uma das hipóteses referidas com maior frequência, é a de que se trata de uma reminiscência das festas pagãs em honra do deus Baco, herdadas da passagem e da vivência dos romanos na região. Tal hipótese em relação à *Santa Bebiana*, apenas temos conhecimento de ter sido formulada pela primeira vez, por Reis Soares, em 1984, e posteriormente por diversos autores⁰⁹.

No entanto, é de notar que, em 1984, abordando a origem das festividades de S. Martinho, Veiga de Oliveira, afirmou “sejam quais forem as suas origens, antigas bacanais ou outras”, baseando-se no que havia escrito Leite de Vasconcelos, em 1906, mencionando um seu artigo de 1889, sobre os festejos de S. Martinho: “que parece um resto das antigas bachanaes”.

As celebrações em honra do Deus Baco, as *Bacanalias*, que se baseavam nas anteriormente celebradas pelos gregos em honra de Dionísio, eram na sua origem um culto envolto de simplicidade e inocência, celebrado apenas por homens. Ao longo do tempo, com a admissão de mulheres nos rituais, as celebrações degeneraram tendo atingido características de licenciosidade e descomedimento.

[08] Jorge (1996).

[09] Saraiva (1995); Marques (2001); Barros, Martinho (2003); Nogueira (2005).



A acreditar nesta hipótese, fica a pergunta, se esta fosse a razão da existência da Festa porque razão se conhecem os festejos de Santa Bebiana apenas na região da Beira, e não em outras regiões do país onde os romanos estiveram presentes.

Uma outra hipótese, para origem da *Santa*, e que é a que nos merece maior credibilidade é a de que se trata de uma festividade cíclica, pertencente ao denominado Ciclo do Outono/Inverno (Fig. 01).

Segundo esta classificação, existem dois períodos festivos, com maior importância, o Ciclo do Outono/Inverno e o da Primavera/Verão, baseados nos dois grandes momentos que estruturam o tempo e o calendário: o ciclo lunar e o solar, que se definem pela sucessão e alternância dos solstícios e equinócios¹⁰.

[Fig.01] Representação dos Ciclos, com a inclusão da Festa de Santa Bebiana.

[10] Saraiva (2002).

As festas do ciclo Outono/Inverno com cariz satírico e malicioso, surgem no calendário anual como uma interrupção da vida rotineira, uma quebra no normal dia-a-dia, uma catarse redentora.

Segundo António Tiza (1996): “Esta crítica aos acontecimentos mundanos é um acto profano que envolve algo sagrado: a purificação ou expurgação social da comunidade, a eliminação dos seus pecados através da divulgação na praça pública, e a profilaxia social, a preparação da comunidade para a entrada no novo ciclo produtivo que vai começar com a entrada do Ano Novo”.

No que concerne, especificamente à celebração da festa em Caria, segundo Cristina Nogueira (2006), a festa poderia ter sido trazida de Tinalhas para Caria, por intermédio dos Viscondes de Tinalhas, naturais e moradores em Tinalhas, mas com inúmeras propriedades em Caria, adquiridas por via de casamento. Entendemos como pouco provável que fossem os Viscondes a trazer a festa para Caria, uma vez que se tratava de uma festa do povo. Parece-nos mais razoável que os Viscondes tivessem trazido, de Tinalhas, os trabalhadores para as suas propriedades em Caria, e estes trouxessem esta tradição da sua terra.

É de notar que, na realidade, a forma como a festa é celebrada em Caria é semelhante à forma como se celebrava em Tinalhas, isto é, o pregador (“bispo”) fazia o seu sermão tendo por temas principais o “trazer à luz” quem eram as mulheres que mais amavam o álcool e quem eram as pessoas ou as instituições que lesavam os interesses dos Carienses¹¹. Isto é, os sermões revestiam-se de vindicta popular¹², com comentários satíricos e jocosos aos vícios e outras atitudes socialmente criticáveis.

Perdeu-se no tempo a data em que teriam decorrido os primeiros festejos da *Santa Be-biana*, em Caria. Maria de Lurdes Afonso, nascida em 1934, natural e residente em Caria, em testemunho ao Jornal de Belmonte¹³ disse: “não se sabe concretamente o ano preciso, mas nos anos 30, já se festejava esta tradição”. Em 2018, em entrevista ao Jornal de Belmonte¹⁴, revelou que nos seus tempos de menina, existia uma irmandade organizada para realizar os festejos da Santa, e que estes possuíam um cartão que os identificava como pertencendo a esta associação.

Existem diversas referências a que a 11 de novembro, 1935, terá sido criada uma associação designada Associação Técnica da Copofonia de Norte a Sul de Portugal, conforme se pode verificar através de uma imagem do respetivo cartão de sócio publicada em 1984, por Reis Soares, no Jornal de Belmonte. Quem terá formado esta associação, e se terá ou não sido formada por Carienses não é possível afirmar, mas no cartão publicado no jornal, apesar de ter sido apagado o nome do sócio, consta “Residente em Caria – B.B.”, o que nos leva a crer que haveria sócios da mesma a residir em Caria.

Outra indicação que parece evidenciar que esta associação teria sido criada em Caria, chega-nos através de um antigo sermão dito durante a procissão: “A nossa associação, de

nome Copofonia, Há mais de cem anos, Foi formada em Caria”. No entanto, a ser verdade, os “cem anos” teriam de ser uma força de expressão, para referir que teria sido formada há já muito tempo.

Em “Festas e Tradições Portuguesas”¹⁵ é referida a existência da associação, com os seus membros: presidente (Bebe Tudo), secretário (Esgota Pipas), tesoureiro (Seca Ade-gas) e vogal (Seca Alambiques) e são brevemente descritos os respetivos estatutos.

Do cartão de membro da associação, publicado no Jornal de Belmonte¹⁶, fazem parte os estatutos da associação, os quais transcrevemos seguidamente:

OBRIGAÇÕES ENTRE CAMARADAS:

Nunca rejeitar carga; Socorrer qualquer irmão que se encontre cambaleando ou dan-do cotoveladas na parede ou em quem passe; Recusar água de toda a gente; É expres-samente proibido comer uvas e bem assim consentir que as comam ou as estraguem; Todas as receitas de meio litro para cima devem ser bebidas de um só fôlego; Não fazer uso interno de águas medicinais ou quaisquer outras; Todos os sócios são obrigados a beber só bebidas nacionais ou estrangeiras.

CONDIÇÕES ESPECIAIS:

Esta associação dará um subsídio de 5 litros de verde ou maduro, por dia, ao sócio que por motivo de grandes serviços em prol da associação, consiga arranjar os se-guintes sinais:

Olhos inflamados e remelados; Rosto cor de camarão; Nariz de cenoura em forma de torneira; Barba cor de borras de vinho.

IMPOSTO JUDICIAL:

Ausentar-se da sociedade quando se bebe – 1 ano de prisão; Abandonar o camarada atordoado – 10 anos de trabalhos forçados; Vomitar e não beber mais – expulsão; Que-brar uma garrafa cheia – 33 anos de deportação; Sofrer sede e ter dinheiro no bolso – 6 meses de prisão correccional; Dizer mal dos que bebem – 15 anos a pão e água; Não fazer continência a uma pipa cheia – 6 anos de trabalho forçado; Beber um copo por duas vezes – um litro de vinho pela 1ª vez, e demissão pela 2ª; Beber e não pagar, ser gosma ou pendura – prisão perpétua; Jurar não beber mais – pena de morte; Todo o sócio no acto de inscrição terá de pagar um copo de vinho aos seus consócios, ler estes estatutos, e bem assim demonstrar o Credo, que é a oração de todos os irmãos.

Relativamente à forma como a Festa era celebrada, em Caria, relata Reis Soares¹⁷ que na véspera da festa, no dia 1 de dezembro, ao início da noite, mandava a tradição que os

[11] Garcia (1995).

[12] Oliveira (1984).

[13] Santos (2015).

[14] Santos (2018).

[15] Barros; Costa (2003).

[16] Soares (1984).

[17] Soares (1984).

homens, mordomos da festa, munidos de chocalhos se reunissem, e fossem chocalhar à porta dos amantes do vinho, como que para os lembrar que no dia seguinte haveria a festa.

Foi antes do 25 de abril, mas não sabemos o ano, em que à *Santa Bebiana* se veio juntar S. Martinho. Nessa época, o andor de São Martinho partia das Inguias, terra também pertencente ao concelho de Belmonte, e que dista cerca de 8 Km, de Caria.

Avelina Soares, neta do Sr. Manuel José Leitão (1872-1954), relatou que o seu avô e o seu pai, e outros homens das Inguias, iam a Caria de carroça, numa espécie de procissão, levando consigo um boneco de palha que representava S. Martinho. Os participantes desta procissão não tinham por missão ir, a Caria, casar o S. Martinho com a Santa Bebiana, mas sim comer e beber. Nesta festividade, que trazia S. Martinho a Caria, não eram admitidas mulheres¹⁸.

A festa, pela sua natureza pagã, nunca terá sido bem vista pela igreja, mas a verdade é que as duas sempre conviveram. Já a chegada da censura, e da opressão do poder político do regime salazarista (1933-1974), embora de forma tardia, no que concerne à celebração da Festa, manifestou-se em 1947.

Diz, Reis Soares¹⁹, que os festejos da Santa que antecederam a proibição dos mesmos, isto é, os realizados nos anos 1944, 1945 e 1946 ficaram conhecidos como tendo tido muito “brilho” e afluência, mas não explica a razão porque tal aconteceu.

Refere ainda que ano de 1947, na tentativa de proibir a festa, foi programada para Caria uma ação policial, que trazia ordem para impedir que a festa se realizasse. No entanto, à hora da procissão os sinos da igreja tocaram a rebate, bem como sinetas e campainhas. O povo juntou-se e gritou a uma só voz: “Viva a Santa”. Devido à desobediência às autoridades, foram presos dois jovens. Verificando o contingente, inicialmente enviado que não conseguia fazer face à população, foram pedidos reforços, e são enviadas para Caria, mais cinco unidades vindas de Belmonte. A população não desiste, atrai a guarda para uma rua à época sem saída, a Rua do Canto, e aí conseguem desarmar os militares.

No ano de 1948, foi novamente enviado para Caria um destacamento policial, que desta feita conseguiu lograr os seus intentos, e impedir que a festa fosse realizada.

Em 1995, António Júlio Garcia, antigo presidente da Câmara Municipal de Belmonte, afirmou ao Jornal Público²⁰: “Não é a primeira vez que a festa se interrompe por pressões exteriores”. Segundo referido no artigo, Mário Galvão Videira, Cariense, presidente da câmara entre 1947 e 1958, sempre se opôs à realização da *Santa*. Note-se que, pertenceu à Legião Portuguesa, constituída em 1936, e à qual sob juramento, se aceitava o compromisso de servir a Nação, de acordo com os ideais do Estado Novo.

Não temos informação documentada de que a festa se tenha voltado a realizar, em Caria, durante o regime de Salazar. Mas, segundo o depoimento de Carienses, durante esse período, embora a Festa não fosse realizada, haveria “à socapa” algumas celebrações que marcavam o dia.

Após o 25 de Abril, quando a Festa voltou a ser celebrada, o São Martinho manteve-se fazendo parte dos festejos, mas deixou de vir “de longe”. Embora, não tenhamos a certeza porque razão deixou de vir em cortejo, das Inguias, é de supor que tal terá acontecido porque o seu principal impulsionador, o Manuel José Leitão, havia falecido em 1954.

Inicialmente, quando S. Martinho se juntou à festa, o santo era apenas irmão de Santa Bebiana, aliás como diz o antigo sermão: São Martinho e Santa Bebediana/São dois irmãos a valer/Só se conhecem como irmãos/Quando estão a beber²¹. Mas, mais tarde, a festa passou a celebrar o casamento dos “Santos”, isto é, o irmão S. *Martinho* mudou a sua condição para marido da Santa. No ano de 1988, as fotografias da festa, já evidenciam o casamento dos *Santos*.

Segundo a tradição oral, e segundo Reis Soares²² os “sermões” sempre foram feitos apenas por homens, entre eles: Francisco Carvalho, António Taborda, José do Nascimento, e que em 1984 foi “padre” Manuel Leal Vaz, com uma única exceção em 1988, em que foi uma Cariense, Lurdes Serrão Bastos que fez o papel de pregadora.

Nos anos 90, os pregadores da terra, foram substituídos pela figura de um “padre”. Um padre fingido, mas vestido como tal.

No que concerne as figuras representativas dos “Santos”, no pós 25 de abril, e até 1988, os Santos ainda eram de palha (Fig. 02), terá sido no início dos anos noventa que os santos de palha foram substituídos por dois manequins de montra (Fig. 03).

Qual a razão para a substituição dos bonecos de palha pelos manequins não temos a certeza, mas segundo depoimento da viúva de um dos organizadores da Festa foi o seu marido que pediu para que os manequins fossem fabricados, devido a que entendia ser perigoso os bonecos de palha serem queimados durante a festa.

Note-se que os “Santos” de palha, retratados em fotografias do ano de 1988, permitem verificar que a sua imagem não transmitia a mesma irreverência que passaram a ter os manequins, em que principalmente a caracterização dada à *Santa Bebiana* nos leva a uma imagem de erotismo, propensa a comportamentos desregrados.

É de salientar que, esta mudança veio ainda trazer uma alteração ao ritual da festa, pois sabemos que os “Santos”, pelo menos a *Santa Bebiana*, enquanto bonecos de palha eram queimados no final da festa²³. Ter-se-á assim perdido um ritual importante da festa, cuja origem pensamos que poderia estar relacionada com os seculares rituais de purificação ou como uma alusão à própria história da Santa Bibiana que foi martirizada até à sua morte.

Uma outra alteração à Festa, terá sido a inclusão de uma refeição comunitária, que ao contrário do que seria de esperar, e pelos depoimentos que recolhemos, não existia. Segundo um testemunho que nos foi dado, em 2014, por Maria Lurdes Afonso, nascida em 1934, a existência da refeição comunitária era recente.

[18] Afonso (2023); Depoimento de Avelina Nunes Proença Leitão Soares (2023).

[19] Soares (1984).
[20] Melo (1995).

[21] Garcia (1995).
[22] Soares (1984).

[23] Garcia (1995).



[Fig.02]
Santa Bebiana representada por uma boneca de palha, em 1988. (foto: Mário Tomás).



[Fig.03]
Santa Bebiana e S. Martinho representados por manequins, em 2001. (foto: Armando Issac).

Não foi possível conhecer em que ano terá sido adicionada à festa de *Santa Bebiana* a refeição comunitária oferecida à população, uns anos pela Junta de Freguesia de Caria, e outros pela Câmara Municipal de Belmonte.

A primeira referência à refeição comunitária é dada pelo trabalho de Ana Rita Garcia²⁴ que indica ter estado presente na festa em 1992, e refere que: “No final, há baile até de madrugada e chouriça, febras e sardinha (congelada) assada e vinho à descrição”. Em 2001, Manuel Marques indica “Depois, há sardinhada, “comes e bebes” de graça, para todos e até fartar”.

Relativamente ao “sermão” proclamado na véspera ou no dia da *Santa*, também este foi sofrendo diversas alterações ao longo dos tempos. Julgamos que inicialmente em Caria o mesmo fosse semelhante ao que ocorria em Tinalhas, isto é, em jeito de vindicta popular, conforme acima descrito.

[24] Idem.

Mais tarde, terão surgido versos sobre os homens e as mulheres “borrachos”, mas algo mais em geral, sem que fossem nomeados os visados. Versos estes que podemos encontrar no estudo de Ana Rita Garcia²⁵ e transcrevemos apenas alguns deles:

Que Deus perdoe aos antigos, E também aos de agora. A alegria vem de dentro, E o barulho vem de fora.	Viva Santa Bebediana, E também os borrachões. Viva as pipas e as garrafas, E também os garrafões.
--	--

A nossa associação, De nome Copofonia. Há mais de cem anos, Foi formada em Caria.	São Martinho e Santa Bebediana, São dois irmãos a valer. Só se conhecem como irmãos, Quando estão a beber.
--	---

Depois, não sabemos a partir de que ano, em Caria, os sermões em verso foram sendo acompanhados por orações católicas transformadas em “pouco católicas”, isto é, usando apenas palavras relacionadas com o vinho. A única referência é ao “Credo”, pois em 1935, este vem publicado no cartão de membro da associação da Copofonia:

O CREDO DOS ÉBRIOS

Creio no álcool a 36 graus, todo-poderoso e criador de formidáveis carraspanas.

Creio na aguardente sua filha, e minha esposa predileta a qual foi concebida por obra e graça do alambique, nasceu da puríssima cana e padeceu sob pisão dos moinhos. Foi derramada e sepultada num casco, ao terceiro dia, surgiu da garrafa e subiu graciosa e triunfante à caixa dos pirolitos. Escoou o fundo da caldeira e está no tonel bem rolhada, estando à mão direita das barbas do bagaço, de onde há-de vir alegrar uma grande pândega sem fim; dar nas vistas aos grandes e pequenos, ricos e pobres, doutores e burgueses, santos e diabos.

Portanto creio na repetição da pinga, na santa vindima anual, na comunicação dos irmãos do esgota, na renovação das pipas vazias, na bebedeira eterna. Amen!

Em relação às orações do Pai-Nosso e Ave Maria, desconhecemos quem as alterou e quando foram introduzidas na celebração da Santa:

O PAI-NOSSO DO VINHO

Vinho nosso que Estais na pipa Santificada seja a uva da videira Venha a nós o vosso sumo Seja feita a vossa vontade	Assim que seja bebedeira O Vinho nosso de cada dia Que temos hoje amanhã e depois Que nos deixe cair em tentação De beber até à última gota desaparecer.
--	--

[25] Garcia (1995).

Ave Adega

Ave adega
Cheia de vinho
Vinhaça é convosco
Bendito sois vós
Entre os beijos
Dos homens

Bendito é o fruto
Do ventre da pipa,
Santa Adega mãe
Do vinho
Enchei-vos para nós
Bebedores agora
E na hora de beber. Amem

Por fim, surgiu, cerca do ano 2000, uma espécie de hino à *Santa Bebiania*, atualmente cantado várias vezes durante a procissão, e que provavelmente terá sido trazido pelo “padre” Abreu. Trata-se de uma alusão à música “Miraculosa Rainha dos Céus”, originalmente intitulada de “Suplica à N. Senhora da Paz”, uma obra com letra de Carlos de Moraes, escrita em 1939.

Miraculosa Rainha dos Pastéis Faz com que o vinho não se acabe nos tonéis E que a aguardente seja cada vez mais forte Juro e jurarei que beberei até à morte	Sou Cariense preciso de beber Juro e jurarei que beberei até morrer No meu funeral não quero choros nem gritos Quero à cabeceira um garrafão de cinco litros.
---	--

Para além das alterações já mencionadas anteriormente, nomeadamente: a adição de São Martinho à festa, primeiro como irmão e depois como noivo/marido, a mudança de um pregador da terra, para um “padre” ou “bispo” contratado, a mudança dos Santos de palha para manequins de loja, o acréscimo da refeição comunitária, as alterações ao sermão, existiram ao longo dos tempos outras mudanças.

A organização da festa desde o seu recomeço, após o 25 de abril, e pelo menos até 1994²⁶, esteve a cargo da Associação dos Reformados e Idosos de Caria. Seguidamente, foi sendo organizada por grupos de jovens Carienses, que se constituíam anualmente. Estes jovens, intitulavam-se como pertencendo à Irmandade, mas na verdade a Associação da Irmandade da Santa Bebiania só foi escriturada a 02 de junho, de 2023. Até ao início dos anos dois mil, não havia membros do sexo feminino na Irmandade, só nessa altura, surgiram irmãs na organização da festa.

Os locais onde a festa se inicia e termina, bem como o percurso da procissão pela vila de Caria, e as paragens para os sermões também foram sofrendo alterações, conforme é possível verificar nos cartazes da Festa, dos diversos anos.

Desde 2013, tem havido por parte da organização, e com o apoio do poder local, a intenção de agregar à festa outras atividades culturais e de desenvolvimento do comércio de produtos locais/artesanais, no sentido de atrair um maior número de pessoas à festa, trazendo um maior benefício à comunidade de Caria e contribuindo assim para a salvaguarda da Festa.

[26] Marques (1994).

A FESTA DE SANTA BEBIANA, EM CARIA

A *Festa de Santa Bebiana* é realizada regularmente, no dia 2 de dezembro, em Caria, freguesia do concelho de Belmonte, distrito de Castelo Branco.

Atualmente, a *Festa de Santa Bebiana* está a cargo da Associação da Irmandade da Santa Bebiana.

No sentido comunitário, antes do 25 de abril, a festa seria uma celebração para os “homens da terra”, onde não era bem vista a participação das mulheres. Só nos anos oitenta quando a tradição recomeçou é que as mulheres se integraram nos festejos. Nessa altura, é possível verificar pela documentação fotográfica que a festa passou a ser para todos, independentemente do género ou idade. Na atualidade, a *Santa*, é vivida por toda a comunidade Cariense, bem como por foliões vindos de outras freguesias do concelho e de outras regiões, com grande entusiasmo e participação.

PREPARAÇÃO DA FESTA

Desde os inícios do ano dois mil, e até ao ano de dois mil de vinte e dois, algum tempo antes da festa, geralmente no mês de outubro havia um grupo de jovens, principalmente rapazes que se reuniam para a organizar. No ano de dois mil e vinte e três a festa já foi organizada pelos corpos dirigentes da Associação da Irmandade da Santa Bebiana.

Uma das primeiras tarefas a realizar na preparação da festa é um peditório, feito pela irmandade, porta a porta à comunidade, bem como realizando o pedido de apoio a empresas, e às entidades do governo local.

O peditório à comunidade é, por vezes, acompanhado de chocalhada, outras vezes por tocadores de bombos, trazendo alegria e chamando assim a atenção para que as pessoas venham à porta.

Uma outra tarefa, realizada pelas mulheres que pertencem irmandade, é “trazer à luz do dia” a *Santa Bebiana*, e o *São Martinho*, quase sempre fechados desde o ano anterior, e vesti-los com “roupa lavada” para que apareçam bonitos na festa.

Pelos homens, da irmandade, é preparado um madeiro, que é colocado no largo da festa, para que a comunidade, e os visitantes, se aqueçam nas noites da festa.

REUNIÃO DA POPULAÇÃO NUM LARGO DA VILA E INÍCIO DA PROCISSÃO

No dia 2 de dezembro, à noite, qualquer que seja o dia da semana, e a temperatura que se faça sentir, a população reúne-se, para celebrar a sua “*Santa padroeira*”.

Embora, o início da procissão não se tenha realizado sempre no mesmo local da vila, já há largos anos que a população se juntava no Largo da Cancela e era daí que a procissão saía, levando na frente o “Sr. Padre”, seguido do andor com a *Santa Bebiana*, os estandartes e a população. No ano de dois mil e vinte e três, por motivos logísticos, a procissão partiu do Largo da Laje da Sobreira, na mesma zona de Caria.

ENCONTRO DA SANTA BEBIANA COM S. MARTINHO/SERMÃO DO ENCONTRO, NO LARGO DO CRUZEIRO

Sendo verdade, que antigamente a festa era apenas em honra da Santa, algures no tempo, provavelmente nos anos quarenta, juntou-se à festa o *S. Martinho*, e mais tarde o povo entendeu que os dois se deveriam unir pelo matrimónio. Assim, atualmente a primeira paragem da procissão é no Largo do Cruzeiro, junto à antiga Casa do Povo, onde é pregado o “Sermão do Encontro”, os Santos são declarados “marido e mulher” e dão o primeiro beijo.

PROCISSÃO PELAS RUAS DA VILA

A procissão segue pelas principais ruas de Caria, acompanhada de chocalhadas, de bombos e de muitos vivas à *Santa*.

Em geral, há mais uma paragem para que o “Sr. Padre” dirija algumas palavras aos seus aos fiéis.

A acompanhar a procissão segue ainda uma padiola com um pipo de vinho que vai sendo distribuído aos foliões, e amantes da pinga.

SERMÃO, JUNTO À CASA DA TORRE

O sermão final, realiza-se no Largo Eng.º Pinto Bastos, junto à denominada Casa da Torre, um dos mais antigos e emblemáticos edifícios de Caria.

Aqui são, também, lidos os estatutos da antiga Associação Técnica da Copofonia de Norte a Sul de Portugal, que existentes desde 1935, continuam a arrancar gargalhadas à população de Caria, e aos visitantes que incrédulos ouvem o sermão. Após este sermão, a procissão segue pelo centro histórico da vila, de volta ao local onde se iniciou.

BAILE

Como segundo a tradição não há festa sem bailarico, depois de encerrada a procissão, inicia-se o baile que irá durar pela noite fora.

REFEIÇÃO COMUNITÁRIA

Desde há muitos anos, pelo menos desde o ano de 1992, que se acrescentou à festa a realização de uma refeição comunitária, oferecida a toda a comunidade e visitantes. Nos últimos anos, esta consiste de sardinha assada, febras, entremeada e pão, que o povo assa nas brasas, em assadores que a organização coloca para o efeito no largo da festa.

FESTA DE SANTA BEBIANA. “DA CELEBRAÇÃO À SALVAGUARDA”

“No enquadramento do convite oficial que me foi dirigido, através da Junta de Freguesia de Caria (Presidente Silvério Quelhas), do jornal de Caria (Diretor Jorge Santos) e do Dr. Paulo Silveira (Fundão), participei num pequeno colóquio, enquadrado no programa da festa de Santa Bebiãna em Caria, onde o tema chave seria a “salvaguarda do Património Cultural Imaterial”. No final da apresentação, o presidente da Junta de Freguesia, Engº Silvério Quelhas, esboçou-me o convite em modo publico, perante a comunidade dos presentes, no sentido de me vir a juntar à colaboração/mediação das iniciativas futuras relacionadas com a valorização e salvaguarda da respetiva festa de Santa Bebiãna, enquadrada no objetivo vindouro da possível inscrição da festa de Santa Bebiãna, nas listas nacionais do Património Cultural Imaterial (PCI)”.

Diário de campo (Bebiana, Caria), 03 dez. 2022

Esta perspetiva prática para onde a salvaguarda nos conduziu, neste processo de mediação/colaboração em torno do Património Cultural Imaterial (PCI), converteu-se no eixo central deste exercício de aproximação aos olhares mais atentos do desenrolar do estudo da festa. Neste sentido, vejamos primeiramente o que a Convenção²⁷ entende por Património Cultural Imaterial:

Entende-se por «património cultural imaterial» as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando -lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.²⁸

Enquanto princípios basilares da salvaguarda do PCI, João Leal destaca a associação “desde o início a ideias de uma aproximação *bottom up* (de baixo para cima)”²⁹, temos assim a comunidade no centro como detentora, a importância do processo participativo em torno da salvaguarda e a primazia dada ao desenvolvimento sustentável. Esclarecendo o respetivo artigo 15 da Convenção, em relação à “Participação das comunidades, grupos e indivíduos”:

[27] Matriz PCI.
[28] Idem.

[29] LEAL (2015).

“No âmbito das suas atividades de salvaguarda do património cultural imaterial, cada Estado Parte procura assegurar a mais ampla participação possível das comunidades, dos grupos e, se for o caso, dos indivíduos que criam, mantêm e transmitem tal património e de envolvê-los ativamente na respetiva gestão.”³⁰

Sendo que a Convenção entende por “salvaguarda” todas as medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal.³¹ Deste modo, destaca-se a importância da salvaguarda enquanto processo social, mais que a dita e ansiosa proteção face a possíveis ameaças de desaparecimento, sobretudo, o processo de assegurar as condições para a sua continuidade criativa pelas gerações futuras.

Já em termos da definição dos domínios do PCI, apresenta:

- > As tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do PCI.
- > As artes do espetáculo.
- > As práticas sociais, rituais e eventos festivos.
- > Os conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo.
- > As aptidões ligadas ao artesanato tradicional.³²

Uma vez que, segundo a Convenção, as “artes de espetáculo” e as “práticas sociais, rituais e eventos festivos” se revelam com maior expressividade emblemática, a festa de Santa Bebiãna encontra-se precisamente nesse cerne de tematizações, com eventuais mecanismos de valorização a rever junto das “tradições e expressões orais”.

Trata-se de uma celebração inserida no calendário ritual das festividades de inverno, intimamente associada aos “manjares cerimoniais”, em particular, as comemorações do dia de S. Martinho (11 de novembro) tal como o decifrou Ernesto Veiga de Oliveira,

“a celebração fraciona-se: no dia 11 são festejados os bêbados, e noutro dias as mulheres que se distinguiram por iguais proezas (...) Na Beira Baixa, esta divisão toma um aspeto mais nítido: o advogado dos bêbados é S. Martinho, com a sua festa no dia 11 de novembro, de acordo com o costume geral; mas, para as mulheres bêbadas, a patrona é a Santa Bebiãna, com a sua festa no dia 2 de dezembro.”³³

Surgindo deste modo como um reflexo da celebração de S. Martinho, como ilustra Joaquim Pais de Brito,

[30] Idem.
[31] Idem.

[32] Idem.
[33] VEIGA de Oliveira (1984).

“põe em ação os mesmos sistemas e morfologias da celebração de S. Martinho e das sequências rituais ou dramaturgias a que este dá lugar. Cortejos processionais com a santa feita de palha, vestida com roupa, enfeitada com cordões de bugalhos ou, mais recentemente, simples manequins de montra vestidos de maneira mais ou menos grotesca, como em Caria; textos reproduzindo fórmulas tradicionais das literaturas carnavalescas do inverno, como sermões ou testamentos, tal como no S. Martinho; sancionamento final e queima do boneco; exibição do vinho transportado em toneis ou em vasilhas de menor dimensão; estúrdia pela noite fora; e, consoante a escala da comunidade e os intervenientes no ritual, maior ou menor projeção coletiva e participação do conjunto dos habitantes.”³⁴

“DA OBSERVAÇÃO À AÇÃO”. ACHEGAS PARA A SALVAGUARDA

No processo de mediação/colaboração evidenciado neste trabalho a “duas mãos”, salientam-se algumas fases desse mesmo engajamento, nomeadamente ao nível do correspondente “plano de salvaguarda”. Sob este ponto de vista, propõe-se aqui duas linhas de ação, uma focada na “Associação da Irmandade da Santa Bebiana” e a outra no programa da festa relacionado com o “colóquio/Santas Conversas”. No fundo convergem da ideia revelada pela Convenção do PCI, dessa tónica colocada na “comunidade” como sujeito principal da salvaguarda do PCI.

Embora mantendo em aberto esse sentido critico manifestado em torno do conceito de “comunidade”, importa-nos mormente o que João Leal nos revela sobre esses laços estabelecidos em contextos festivos,

“Acontece que uma vez estabelecido esse vinculo – mesmo que ágil e sujeito a qualificações – entre festa e ideias de comunidade, a festa não pode ser reduzida a ele. Na festa intervêm de fato pessoas e redes de pessoas que – não se deixando apanhar por ideias de comunidade – são, entretanto, essenciais para que uma festa possa acontecer.”³⁵

Justamente nesse eixo de interações festivas surge a “Associação da Irmandade da Santa Bebiana”, fruto da continuidade pelo menos desde o ano dois mil, de múltiplas organizações anuais da respetiva festa por grupos informais de jovens locais. Sendo formalmente constituída no ano de 2023. De certo modo, a festa garante assim a sua continuidade temporal junto da sua “comunidade”, pois trata-se de um coletivo de jovens organizados oficialmente e apoiados pelo poder local (Junta de Freguesia de Caria e Município de Belmonte), com sede própria na vila. Contudo, outras pessoas, grupos ou coletivos

[34] BRITO (1991).

[35] Idem.



colaboram em graduações diferenciadas e na maioria das vezes diluídos no frenesim das luzes e do ruído da festa, tal como João Leal esclarece,

“(…) uma festa nunca é só uma festa: nela convergem duas ou mais festas. Há por um lado a festa como performance aberta para fora. Mas há também a festa como um conjunto de atividades de bastidores – envolvendo as pessoas e redes sociais que a organizam – que são frequentemente pensadas num registo também ele festivo.”³⁶

Retomando parte deste programa festivo organizado ainda de forma informal por estes coletivos de jovens e entidades locais interessadas na salvaguarda do património local, como a Junta de Freguesia de Caria e o Jornal de Caria, destacamos a segunda atenção que demos nota neste ponto, “o colóquio Santa Bebiana, Património Imaterial” (2022). Um momento central dedicado à troca

[Fig.04]
Colóquio Santa Bebiana,
Património Imaterial
(2022).

[36] Idem.

de conversas em redor da valorização e salvaguarda do PCI relativo à festa de Santa Bebiãna, que se instaurou como ancora para um conjunto diverso de problematizações e ações futuras relacionadas com a salvaguarda do património imaterial festivo da vila de Caria.

Designadamente ao nível das intenções futuras, como a oficialização junto da comunidade da elaboração do suposto “dossier de salvaguarda” com a perspectiva de inscrição da festa de Santa Bebiãna nas listas de salvaguarda no Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial. Porém, convém lembrar que nas agendas das programações anteriores, este momento cultural de partilha de memórias da festa já se ia instaurando em modo de preocupações com a sua salvaguarda: “Santa Bebiãna, Tradição com Raízes” (2014), “E Viva a Santa” (2015, tertúlia cultural), exposição “A Santa Bebiãna foi à escola” (2018).

No fundo, desta nossa proposta complementar almeja-se a evidência prática na tónica dada às “entrelinhas/bastidores” de muitas das decisões tomadas a partir destas amplas “comunidades” que preparam, organizam e concretizam a festa. Sobretudo, tendo em linha de conta a importância destas ações de salvaguarda contempladas “bottom up” (de baixo para cima) associadas ao PCI e que amiúde, se dispersam e silenciam em textualizações oficiais de promoção da própria festa. Ou seja, relembramos mais uma vez João Leal,

“(…) uma festa nunca é só uma festa: nela convergem duas ou mais festas. Há por um lado a festa como performance aberta para fora. Mas há também a festa como um conjunto de atividades de bastidores - envolvendo as pessoas e redes sociais que as organizam - que são frequentemente pensadas num registo também ele festivo.”³⁷

Outras evidências poderiam ser tratadas e desenvolvidas nestes pontos temáticos que cruzam a salvaguarda do PCI e a festa, pelo menos ao nível dos sentidos amplos dados às múltiplas agencialidades envolvidas na participação, organização, preparação e elaboração das festas. Nomeadamente, ao nível da importância dos especialistas rituais detentores desses conhecimentos específicos que se tornam cruciais para o desenrolar da festa, neste caso da festa da Santa Bebiãna, a figura central do “pregador/bispo/padre” detentor das performances e repertórios dos “sermões públicos”. Embora estejam anotados e fixados em termos de letra escrita, remetem inevitavelmente para um conjunto de performances públicas representativas e destacadas destes universos da oralidade, designadamente da palavra dita e proferida onde a sátira reina, específicos dessas fórmulas tradicionais populares muito ligadas às literaturas carnavalescas de inverno.

Sobre este mesmo género de “sermões populares” muito ao jeito da generalidade das formas de vindita popular magnificamente retratados por Ernesto Veiga de Oliveira como,

“(…) manifestação de censura, protesto, crítica ou represália, sob o aspeto de troças ou sátiras coletivas, em atos ou palavras, contra atitudes que traduzem forças ou princípios de desagregação moral ou social do grupo, como maneiras de sublinhar determinados acontecimentos que constituem inovações mais ou menos frustradas ou exceções à rotina do seu viver típico.”³⁸



Tanto os cortejos processionais, seus atores e suas personagens centrais em modelos de manequins, a Santa Bebiãna e do S. Martinho, como as suas dimensões sonoras cacofónicas de estúrdias noturnas associadas aos respetivos “sermões populares”, inscrevem-se num importantíssimo universo de permanentes reinvenções desses imaginários coletivos locais, reveladores singulares dessa pertença identitária local. Mas também, enquanto “comunidades” centrais nas dinâmicas da salvaguarda e transmissão criativa dos contextos festivos Carienses. Veja-se por exemplo as

[Fig.05]
O “padre” Alberto Lucas,
Caria (2022).

[Fig.06]
O momento do “sermão”
no largo da festa (2023).

[37] Idem.
[38] Idem.



[Fig.07]
O arraial depois do
"sermão" (2023).

[Fig.08]
Queima ritual do boneco
de palha no largo da
feira (2023), no largo da
feira (2023).



variadas alterações/ inovações que confrontam e convocam múltiplas vozes nas proficuas discussões entre tradição e modernidade, ao longo dos tempos históricos festivos. Destes sucessivos (des)encontros entre a tradição e modernidade, percebemos imediatamente a dimensão desta enorme riqueza patrimonial dos seus elementos mais caracterizadores: as alternâncias rituais dos protagonistas dos "sermões" e seus repertórios, as mudanças nas dramaturgias, mais concretamente em torno da figura da Santa Bebiãna e do S. Martinho (de bonecos de palha ritual a manequins), a presença de elementos relacionados com o vinho, a participação de género que se foi alterando com a implicação cada vez mais vincada das mulheres na organização e preparação da festa, a programação com tudo aquilo que se foi inovando, mas também com tudo aquilo que foi perdendo destaque. No fundo, é compreender com profundidade o devir da festa, esse acréscimo de discussões proporcionadas pelos processos de mudanças culturais e sociais que acompanham a festa merecem a maior das atenções.

CONCLUSÕES

A *Festa de Santa Bebiãna* é uma tradição enraizada na comunidade Cariense, e embora a sua realização fosse impedida pelo Estado Novo, e em alguns outros anos por falta de organizadores ou de apoios, a população de forma persistente nunca deixou que morresse.

Por tudo o acima mencionado, é uma realidade que a festa tem sofrido diversas alterações, mas a verdade é que no essencial foi possível continuar a tradição, não se perdendo os principais rituais da festa: o chamamento, a procissão e os sermões. O povo de Caria não deixou morrer a *Santa Bebiãna*! A *Festa da Santa Bebiãna* faz parte da herança cultural dos Carienses, e a sua preservação permitiu, e permitirá, manter relações intergeracionais, e fará parte do seu contexto familiar e social. No fundo, continuará a fazer parte da sua identidade.

Adotar esta basilar conclusão de que em inúmeros exemplos fica expressa em termos horizontais (de baixo para cima) a vontade dos coletivos da festa em salvaguardar o seu próprio património festivo (PCI), aproveitando os moldes do regime patrimonial oficial, é também intensificar a importância da multiplicidade de intervenções variadas para que estas não se diluam nos argumentos de sempre, de cima para baixo, e parta ao encontro dos tão ansiados alicerces das vozes do local, esses sentidos para os quais remete a UNESCO, "empower local communities to take a leading role in designing and implementing effective heritage safeguarding initiatives". É, sobretudo, um exercício de multivocalidade³⁹ junto das ações de salvaguarda, para usar a mesma ideia de João Leal, que acompanhe e ligue este mesmo sentido amplo de "comunidade" aos projetos e agendas públicas desde as fases iniciais da estratégia à concretização das iniciativas de salvaguarda do PCI.

[39] Idem.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Jorge; COSTA e Soledade Martinho, 2003, "Festa de Santa Bebiãna", em Festas e Tradições Portuguesas – Novembro e Dezembro, Rio de Mouro, Ed. Círculo de Leitores, 85-91.

BORGES, António Albuquerque, 2020, Território de Caria: Marcas, Lutas e Gentes, Caria, Edição Autor, 141-142.

BRITO, Joaquim Pais de, 1991, "Ciclo anual e festividades. Os magustos e o início do inverno", em Portugal Moderno – Tradições, Lisboa, Pomo Edições Portugal Moderno, 47-49.

CUNHA, José Germano, 1892, Apontamentos para a história do concelho do Fundão, Lisboa, Typographia Minerva Central, 157.

DIAS, Jaime Lopes, 1929, "São Martinho e Santa Bebiãna", em Etnografia da Beira, Lisboa, Livraria Ferrin, Vol. III, 95-98.

DIAS, Jaime Lopes, 1938, "Vária", em Etnografia da Beira, Lisboa, Livraria Ferrin, Vol. V, 221-222.

HORÁCIO, Brás Jorge, 1996, Tinalhas, meu berço, minha raiz, Castelo Branco, Edição Autor, 300-301.

JADÉ, Mariannick, 2006, Patrimoine Immatériel. Perspectives d'interprétation du concept de patrimoine, Paris, L'Harmattan, 277.

LALANDA, Anastácio, 1942, "João Osso", em João Osso, Lisboa, Imprensa Beleza, 11-20.

LAURAJANE, Smith and Natsuko Akagawa, 2008, Intangible Heritage, London and New York, Routledge, 312.

MARQUES, Manuel, 2001, Concelho de Belmonte: Memória e Estória - Estudo Monográfico do Concelho de Belmonte, Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, 318-320 e anexo nº 31.

LEAL, João, 2013, "Agitar antes de usar: a Antropologia e o Património Cultural Imaterial", in Revista Memória em Rede, v. 3, n.9, jul/dez., 1-16.

LEAL, João, 2015, "Património Cultural Imaterial, Festa e Comunidade", em Património Cultural Plural, Belo Horizonte, Arraes Editores, 144-162.

MOREIRAS, Paulo, 2014, Pão & Vinho - mil e uma histórias de comer e beber, Edição Publicações D. Quixote, 135-254.

NOGUEIRA, Cristina, 2005, Roteiro do Concelho de Belmonte, Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, 74-76.

NOGUEIRA, Cristina, 2006, Monografia Histórica do Concelho de Belmonte-Novos Contributos, Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, 220-221.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga, 1984, "O S. Martinho em Portugal", em Festividades Cíclicas em Portugal, Lisboa, Publicações D. Quixote, 193-202 e 339-357.

RODRIGUES, Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho, 1982, Ferro – Cova da Beira: Estudos Arqueológicos e Etnográficos, Braga, Edição Autor, 154.

SANTO, Moisés Espírito, 1993, As origens do Cristianismo Português, Lisboa, Edição Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, 135-136.

SARAIVA, Arnaldo, 1995, "Por Caria abaixo" ou bebendo a Santa Bebiãna", in Bacoco é bacoco seus bacocos, Porto, Lello e Irmãos Editores, 115-118. As crónicas incluídas neste volume foram publicadas na imprensa portuguesa entre 1984 e 1994.

SARAIVA, Clara, 2002, Introdução Geral em BARROS, Jorge e COSTA, Soledade Martinho, 2003, Festas e Tradições Portuguesas – Janeiro, Rio de Mouro, Ed. Círculo de Leitores, 9-26.

TIZA, A. A. Pinelo, 1996, "O sagrado e o profano nas festas do Ciclo de Inverno", in Tellus, Vila Real, N.º 25, 77-90.

VASCONCELLOS, J. Leite de, 1906, Ensaios Ethnographicos, Vol. III, Lisboa, Imprensa – Lucas, 15-16 e 296-297.

OUTROS

GARCIA, Ana Rita, 1995, "Mudança Civilizacional e Mudança Religiosa: A Santa Bebiãna de Caria", Lisboa, trabalho realizado no âmbito da disciplina de Sociologia da Vida Religiosa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Matriz PCI. Disponível em: <https://matrizpci.patrimoniocultural.gov.pt/pt-PT/File/LegislacaoNormativos?idUtilitario=1>. Acesso em: 30 jan.2026.

Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades/coord. Paulo Ferreira da Costa. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação; Softlimits, 2009, 400.

JORNAIS

AFONSO, Carlos, 2023, "Avelina Leitão Soares, uma mulher determinada e que gosta das suas raízes", Jornal de Belmonte, Belmonte, Edição N.º 94, 6-7.

ANTÓNIO, Manuel Carvalho, 1991, "Ao correr da pena: Caria "Reparos"", Notícias da Covilhã, Covilhã, N.º 4307, 4.

MARQUES, Fernando, 1994, "Todos a soprar no balão", Jornal Público, Lisboa, Ano 5, N.º 1735, 16.

MELO, António, 1995, "Para calar as más línguas hoje não se festeja a irmã de São Martinho: Caria sem arruada de Santa Bebiãna", Público, Lisboa, Ano 6, N.º 2094, 20.

SANTOS, João, 2015, "E que o vinho não se acabe nos túneis, viva a Santa!", Jornal de Belmonte, Belmonte, Ano 1, N.º 7, 16.

SOARES, Reis, 1984, "Santa Bebiãna em Caria - Festa e Tradição", Jornal de Belmonte, Belmonte, Ano I, N.º 9, Suplemento.

SANTOS, Jorge Henriques, 2018, "Que viva a Santa", Jornal de Belmonte, Belmonte, Edição N.º 43, 20.

S/A., 1957, "Dia da Santa", Reconquista, Castelo Branco, Ano XIII, N.º 657, 4.

S/A., 1966, "Folclore - Santa Bebiãna", Reconquista, Castelo Branco, Ano XXII, N.º 1127, 9.

El Ramo Leonés.

Francisco Javier Rodríguez Pérez